



UC/FPCE—2016

Universidade de Coimbra  
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

**Famílias com jovens adultos em contexto de crise:  
Pressão económica e funcionamento familiar  
reportados por pais, mães e filhos jovens adultos**

Joana Rita Costa Canheto (e-mail: canheto841@gmail.com)

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde – área  
de especialização em Psicoterapia Sistémica e Familiar sob a  
orientação da Prof.<sup>a</sup> Doutora Luciana Sotero

## **Famílias com jovens adultos em contexto de crise: Pressão económica e funcionamento familiar reportados por pais, mães e filhos jovens adultos**

**Resumo:** A investigação tem demonstrado que viver sob pressão económica pode influenciar negativamente vários processos familiares. Com o intuito de contribuir para a compreensão da relação entre pressão económica e funcionamento familiar, a presente investigação tem como principal objetivo o estudo destas variáveis em famílias com filhos jovens adultos. Nesse sentido, foram avaliados dois indicadores de pressão económica – necessidades materiais insatisfeitas e cortes e ajustamentos financeiros – e o funcionamento familiar numa amostra de 263 sujeitos constituída por 76 pais, 95 mães e 92 filhos jovens adultos entre os 18 e os 29 anos. De um modo geral, os resultados apontam para a existência de repercussões da pressão económica no funcionamento familiar. Especificamente: (1) no grupo dos pais as necessidades materiais insatisfeitas contribuíram significativamente para um pior funcionamento familiar e os cortes e ajustamentos financeiros para um melhor funcionamento familiar; e (2) no grupo dos filhos jovens adultos as necessidades materiais insatisfeitas contribuíram significativamente para um pior funcionamento familiar. Este estudo contribui para aprofundar o conhecimento acerca do impacto de uma crise económica na vida das famílias e, em particular, no seu funcionamento familiar. Em termos de futuro, revela-se essencial continuar a explorar a experiência das famílias em contextos de crise económica, em especial nas distintas fases do ciclo vital.

**Palavras-chave:** Pressão económica, crise económica, funcionamento familiar, famílias com jovens adultos.

## **Families with young adults in the context of crisis: Economic pressure and family functioning reported by fathers, mothers and young adult children**

**Abstract:** Research has shown that living under economic pressure can negatively influence several family processes. In order to contribute towards the understanding of an eventual relationship between economic pressure and family functioning, this research has as its main goal the study of these variables in families with young adult children. In this sense, the influence of two indicators of economic pressure - unmet material needs and cuts and financial adjustments - on the family functioning was assessed in a sample of 263 subjects consisting of 76 fathers, 95 mothers and 92 young adults between the ages of 18 and 29. In general the results point to the existence of an impact on the perception of fathers, mothers and

young adult children about economic pressure on family functioning. Specifically: (1) the group of parents unmet material needs have significantly contributed to a worse perception of family functioning and cuts and financial adjustments contributed for a better perception of the operation; and (2) in the group of young adult children it were unmet material needs that significantly contributed to the perception of a poor family functioning. This study thus contributes to deepen the knowledge about the impact of a economic crisis in family life and in particular in their family functioning. In terms of the future, it will be essential to continue to explore the experience of families in economic crisis contexts, especially in the different phases of the life cycle.

**Key Words:** Economic pressure, economic crisis, family functioning, families with young adults.

## **Agradecimentos**

À Professora Doutora Ana Paula Relvas pela sua disponibilidade, por partilhar a sua admirável sabedoria e experiência, e por me ter inspirado na constante aprendizagem de ver o mundo através das lentes sistémicas.

À minha orientadora, Doutora Luciana Sotero e à Mestre Gabriela Fonseca por toda a orientação neste trabalho, pelo apoio, pela disponibilidade, partilha, confiança, dedicação, motivação e paciência na elaboração desta investigação. Um sincero Obrigada!

Aos meus pais e à minha irmã por todo o apoio, por acreditarem e me fazerem sentir capaz, pela compreensão e força que nunca me deixaram desistir. Esta é também uma vitória vossa!

À minha avó, pela presença e preocupação constante, pela força, confiança e carinho. Obrigada!

Ao André, por toda a paciência, por todos os desabafos, por me transmitir a confiança e por nunca ter deixado de acreditar que seria capaz. Obrigada!

À Sónia por todo o apoio e ajuda incondicional e por se demonstrar sempre disponível. Obrigada!

## Índice

Introdução.....	1
I – Enquadramento conceptual.....	1
1.1. O Contexto socioeconómico português: Fonte de <i>stress</i> familiar e individual? .....	1
1.2. Famílias sob pressão económica .....	3
1.3. Funcionamento familiar.....	5
1.4. Família com filhos jovens adultos.....	7
II - Objetivos.....	9
III - Metodologia .....	9
3.1. Procedimento de recolha da amostra.....	9
3.2. Caracterização da amostra .....	10
3.3. Instrumentos.....	12
3.4. Análise de dados .....	14
IV - Resultados .....	16
4.1. Indicadores de pressão económica e funcionamento familiar (score global).....	16
4.2. Indicadores de pressão económica e dimensões do funcionamento familiar .....	17
V - Discussão.....	20
VI - Conclusões.....	25
Bibliografia.....	27

## **Introdução**

O facto de o mundo atravessar um período de crise económica tem despoletado a necessidade de compreender de que forma as famílias são afetadas pelo atual contexto de elevado *stress* económico. Dado que a maior parte das investigações realizadas se focam nas famílias com filhos adolescentes, é particularmente relevante estudar esta temática em famílias com filhos jovens adultos, atendendo sobretudo às exigências com que as famílias se confrontam nesta etapa: facilitar a saída de casa dos filhos, renegociar a relação do casal e aprender a lidar com o envelhecimento (Relvas, 2004). Adicionalmente, o facto de a literatura existente (e.g., K. J. Conger, Rueter, & Conger, 2000; R. D. Conger, Conger, & Martin, 2010; R. D. Conger, & Elder, 1994; Leinonen, Solantaus, & Punamäki, 2003; Ponnet, Wouters, Gordemé, & Mortelmans, 2013; Whitbeck et al., 1991), em torno da relação entre crises económicas e vida familiar, se focar fundamentalmente em variáveis familiares específicas (e.g., relação conjugal e parentalidade), despoletou a necessidade de se estudar o sistema familiar como um todo.

Neste âmbito, e tendo em consideração o atual contexto de crise económica, o presente estudo foca-se no estudo da relação entre a pressão económica e o funcionamento familiar em famílias com filhos jovens adultos. Para tal, segue-se uma breve contextualização e clarificação de diversos tópicos relevantes para esta investigação, nomeadamente acerca do contexto socioeconómico em Portugal, a pressão económica nas famílias, o funcionamento familiar e, por último, a família com filhos jovens adultos.

## **I – Enquadramento conceptual**

### **1.1. O contexto socioeconómico português: fonte de *stress* familiar e individual?**

Ao longo do seu ciclo de vida as famílias estão sujeitas a situações de *stress*, quer de origem interna (e.g., mudanças inerentes ao desenvolvimento dos seus membros e dos seus subsistemas) quer de origem externa (e.g., despedimento ou um corte no salário) (Alarcão, 2006). Tais

situações de *stress* geram um estado de desequilíbrio na família, tal como é possível compreender através do modelo *Family Adjustment and Adaptation Response* (FAAR; McCubbin & Patterson, 1983). Este modelo sugere que as famílias expostas a exigências (e.g., ocasiões *stressantes*, tensões, preocupações diárias), que excedem as suas capacidades (e.g., recursos, *coping*), entram num estado de desequilíbrio ou crise (McCubbin & Patterson, 1983).

Tal pode estar a acontecer com as famílias portuguesas já que, nos últimos anos, estas têm sido expostas a transformações ríspidas na economia do seu país. O desemprego e a instabilidade financeira, situações despoletadas em consequência da crise global de 2008, têm estado entre as tendências macroeconómicas mais preocupantes. Entre novembro de 2010 e abril de 2011, a conjuntura económica nacional agravou-se quando o Parlamento Português aprovou, em resposta à crise económica, o mais duro orçamento de estado em cerca de trinta anos. Portugal tornou-se, assim, no terceiro estado membro da União Europeia (UE) a pedir ajuda financeira ao Fundo Monetário Internacional (FMI). Com um impacto direto nas famílias portuguesas, as principais medidas decorrentes desta crise económica foram a redução geral dos salários, o congelamento das pensões e a execução de cortes nos subsídios e nos apoios sociais. Deste modo, as exigências associadas a um cenário socioeconómico desfavorável, como aquele que o país atravessa, podem ser conceptualizadas como uma fonte de *stress* externo capaz de colocar as famílias num estado de desequilíbrio.

Como resultado deste ambiente socioeconómico, estima-se que, até ao mês de fevereiro de 2016, 12.3% dos portugueses tenham sido afetados pelo desemprego [Instituto Nacional de Estatística (INE), 2016]. Para além disso, segundo um estudo realizado pela Associação para o Desenvolvimento Económico e Social (SEDES, 2012), as dificuldades socioeconómicas têm afetado o estilo de vida das famílias portuguesas a diversos níveis, designadamente: gerando situações profissionais instáveis no que respeita ao rendimento, a necessidade de realizar cortes no orçamento das atividades de lazer, no orçamento destinado a bens essenciais (e.g., despesas com alimentação, água, eletricidade e gás) e ainda no orçamento destinado à saúde e à educação dos filhos. Relativamente à capacidade para cumprir com as obrigações assumidas com rendas de casa ou créditos à

habitação, cerca de 5% da amostra não desempregada afirmou não poder fazer face a essas despesas (SEDES, 2012). Ao nível do bem-estar, diversos indivíduos mencionaram nesse estudo viver sob níveis de *stress* elevados, ter problemas de sono e uma quebra nos níveis de energia ao início do dia, variáveis que se relacionam com indicadores de depressão (SEDES, 2012). Por último, foram ainda referidas alterações negativas nos relacionamentos interpessoais, sendo estas superiores nos sujeitos com idades compreendidas entre os 25 e os 34 anos e nas classes socioeconómicas mais altas (SEDES, 2012). Embora não se encontrem na literatura explicações para que sejam estes os sujeitos mais afetados, podemos hipotetizar que se deva ao facto de ser uma fase desenvolvimental em que as relações interpessoais (i.e. amizade) têm maior peso, tornando os sujeitos mais suscetíveis às alterações sociais que a mudança do contexto económico comporta.

Por último, é de salientar que a atual crise económica não é um fenómeno novo, outras crises do mesmo género já tiveram lugar no passado. Colombo e Rebughini (2015) defendem mesmo a possibilidade de a crise não representar apenas uma conjectura económica temporária, mas também um fenómeno social que implica a remodelação das posições sociais dos indivíduos, tanto em termos estruturais como subjetivos (i.e., a perceção que os indivíduos têm acerca da sua posição na sociedade) (Colombo & Rebughini, 2015).

### **1.2. Famílias sob pressão económica**

A investigação sobre o impacto de uma crise económica ao nível da vivência familiar tem vindo a ser realizada desde a Grande Depressão que ocorreu na década de 30 nos Estados Unidos da América (EUA) (e.g., Liker & Elder, 1983). Contudo, foi durante os anos oitenta que foi fortemente impulsionada aquando da recessão da economia agrícola, nos EUA (R. D. Conger et al., 2010). Como resultado das investigações realizadas durante este período, surgiu o Modelo de *Stress* Familiar (MSF) de Conger e Elder (1994).

Segundo o referido modelo, as adversidades económicas – baixos rendimentos, elevadas dívidas e eventos financeiros negativos – provocam uma pressão económica na família, a qual afeta negativamente a qualidade e



estabilidade das interações familiares (K. J. Conger et al., 2000; R. D. Conger et al., 2010; R. D. Conger, & Donnellan, 2007). O conceito de pressão económica refere-se à experiência psicológica do indivíduo resultante da incapacidade para fazer face às despesas, tais como: a) necessidades materiais insatisfeitas, entre as quais ao nível da alimentação adequada e roupa; b) incapacidade para pagar contas ou fazer face às despesas; e c) necessidade de efetuar cortes e ajustamentos financeiros, como a redução de despesas associadas a cuidados médicos (K. J. Conger et al., 2000; R. D. Conger et al., 2010; R. D. Conger, & Donnellan, 2007).

Segundo o MSF, os adultos da família sujeitos a pressão económica podem experienciar depressão, ansiedade, raiva, alienação, uso de substâncias e comportamento antissocial, que poderão provocar problemas comportamentais e emocionais no casal (e.g., conflito, hostilidade e distanciamento) (K. J. Conger et al., 2000; R. D. Conger et al., 2010). Posteriormente, foi realizada uma expansão do modelo com o intuito de compreender as consequências da pressão económica nos restantes membros da família. Concluiu-se que os efeitos das adversidades económicas levam ao conflito interparental, o qual conduz ao comprometimento da parentalidade (R. D. Conger et al., 2010), resultando em complicações ao nível do comportamento das crianças (e.g., comprometimento das capacidades cognitivas e sociais, comprometimento do sucesso escolar, comprometimento da vinculação aos pais, sintomas de depressão e ansiedade, agressividade e comportamento antissocial) (R. D. Conger et al., 2010). De um modo geral, os efeitos da perda de rendimentos na vida familiar são negativos devido ao aumento da irritabilidade que contribui para a deterioração das relações conjugais e parentais (Broman, et al., 1990; Elder & Caspi, 1988; Whitbeck, et al., 1991).

O MSF tem vindo a ser aplicado empiricamente em diversas investigações, sobretudo com famílias nucleares intactas e com filhos adolescentes. Este modelo disponibiliza uma importante grelha de compreensão teórica que ajuda a clarificar a relação entre a pressão económica e diversos aspetos da dinâmica familiar. Foi aplicado com recurso a diversos procedimentos – entrevistas, autorrelatos e observação dos participantes – e empiricamente testado em diversos países – tais como Finlândia (e.g., Leinonen et al., 2003), Bélgica (e.g., Ponnet et al., 2013),

Turquia (e.g., Aytac, & Rankin, 2009) e Coreia (e.g., Kwon, Rueter, Lee, Koh, & Ok, 2003).

No que concerne às diferenças sociodemográficas, de acordo com a revisão sistemática de Fonseca, Cunha, Crespo, e Relvas (*in press*) há evidência de que as mulheres parecem desempenhar um papel mais influente na permeabilização do *stress* económico e emocional que se reflete na conjugalidade (e.g., Aytac & Rankin, 2009; Kwon et al., 2003), enquanto os homens parecem apresentar maior suscetibilidade à instabilidade económica no que diz respeito ao seu papel parental (e.g., Ponnet et al., 2014). De um modo geral, os homens continuam a representar o papel de sustento da família, enquanto é esperado que as mulheres cuidem das relações familiares (Aytac & Rankin, 2009). Adicionalmente, Broman, Hamilton e Hoffman (1990) afirmam que tanto os sujeitos mais jovens como as mulheres relatam mais *stress* e tensão familiar devido à crise económica.

Em suma, a literatura existente nesta área tem vindo a sugerir que a pressão económica tende a trazer modificações no funcionamento das famílias.

### 1.3. Funcionamento familiar

O funcionamento familiar diz respeito ao conjunto de processos pelos quais a família atua como um todo, isto é, a forma como os membros da família interagem, reagem e tratam outros membros, incluindo o modo como os seus elementos tomam decisões para resolver os problemas (Winek, 2010 citado por Botey & Kulig (2013), o estabelecimento de regras ou a definição de objetivos (Lanigan, 2009). Ainda a propósito da definição de funcionamento familiar, Keitner, Heru e Glick (2010) colocam o foco no facto de o sistema procurar o seu bem-estar, mas sem negligenciar as necessidades individuais. Ou seja, referem o funcionamento familiar enquanto capacidade que as famílias têm para completar tarefas e para se adaptar a novas circunstâncias, atendendo às necessidades individuais e familiares, com o intuito de promover o bem-estar do sistema (Keitner et al., 2010).

A literatura existente (e.g., K. J. Conger et al., 2000; R. D. Conger et al., 2010; R. D. Conger, & Elder, 1994; Leinonen et al., 2003; Ponnet et al., 2013; Whitbeck et al., 1991) em torno da relação entre crises económicas e

vida familiar tem-se focado fundamentalmente em variáveis familiares específicas (e.g., relação conjugal, parentalidade), negligenciando o estudo de variáveis familiares em que o sistema familiar é visto de uma forma mais global, como é o caso do funcionamento familiar. Este facto é percebido enquanto lacuna na literatura existente e, por esse motivo, o presente estudo propõe-se estudar o funcionamento familiar no decorrer de uma crise económica, por forma a compreender a relação entre ambas as variáveis.

Neste sentido, serão apresentadas as conceptualizações de funcionamento familiar de Olson (2000, 2003) e de Stratton, Bland, Janes e Lask (2010), autores de referência nesta área. Olson (2000, 2003) considera que é possível conceber o funcionamento familiar em função de três variáveis, nomeadamente: (1) a coesão – o laço emocional que os elementos de uma família estabelecem entre si, isto é, a forma como as famílias se organizam, desde a total separação até à união extrema (Olson, 2011; Gomes & Pereira, 2014); (2) a flexibilidade – refere-se à capacidade de estabilidade e mudança do sistema familiar (Fazenda, 2005; Olson, 2000), e (3) a comunicação – a forma como os diversos elementos comunicam e que irá caracterizar o padrão de flexibilidade e de coesão de determinada família, sendo considerada uma variável facilitadora das duas dimensões anteriores (Olson, 2011). Embora se qualifiquem os níveis extremos de cada dimensão (coesão e flexibilidade) como menos funcionais (Olson, 2011), estes podem ser apropriados em determinadas fases do ciclo vital ou quando as famílias estão sob situações de *stress* (Olson, 2000, 2003).

De acordo com Stratton et al. (2010, 2014), uma forma de avaliar o funcionamento familiar é tendo em consideração (1) as forças e adaptabilidades do sistema – refere-se aos recursos e à capacidade de adaptação da família, (2) a sobrecarga devido a dificuldades – tal como a designação indica, remete para a sobrecarga das dificuldades no sistema família, e, por último, (3) a comunicação familiar – que se foca nos aspetos comunicacionais dentro do sistema familiar. Estas dimensões podem então ser percebidas como processos a que a família recorre enquanto sistema, atuando como um todo. Neste sentido, a compreensão sistémica do funcionamento familiar baseia-se no pressuposto de que a forma como as relações funcionam na família são fundamentais para o bem-estar individual de todos os membros do sistema (Stratton et al., 2014).

Por último, é de referir que a literatura existente (e.g., Gerogiades, Boyle, Jenkins, Sanford, & Lipman, 2008) aponta para que as situações de *stress* tenham consequências no funcionamento familiar. Por exemplo, Gerogiades et al. (2008) referem como fator de *stress*, para o funcionamento familiar, o nível socioeconómico baixo. Devido à escassez de estudos que relacionem a pressão económica e o funcionamento familiar, consideram-se estes resultados especialmente interessantes por se aproximarem daquele que é o propósito da presente investigação.

#### **1.4. Família com filhos jovens adultos**

De acordo com a conceptualização de Relvas (2004), a família com filhos adultos é o último dos cinco estádios que caracterizam o ciclo vital familiar. A este estádio estão associadas tarefas e características específicas, em função das necessidades e do desenvolvimento das famílias nesta fase, o que torna pertinente a análise dos possíveis efeitos de uma crise económica nesta fase particular do ciclo de vida familiar.

A fase da família com filhos adultos é um estádio longo, uma vez que se inicia com a saída do primeiro filho de casa e se prolonga até à reforma dos progenitores. Nesta fase, as famílias deparam-se com três tarefas essenciais: facilitar a saída de casa dos filhos (para que possam iniciar as suas vidas autonomamente), renegociar a relação do casal (centrado na meia-idade) e aprender a lidar com o envelhecimento (quer em relação às pessoas próximas, quer em relação aos próprios). No período inicial desta etapa é expectável uma separação bem-sucedida entre o filho jovem adulto e a sua família nuclear. Espera-se que essa separação seja caracterizada pela aquisição de habilidades laborais, uma vida independente (ou planos nessa direção) e o desenvolvimento de amizades estáveis e de relacionamentos íntimos. Neste âmbito, Arnett (1998, 2000) refere que uma crise económica pode ser particularmente difícil para famílias cujos filhos adultos estejam a entrar no mercado de trabalho. Tal parece acontecer porque a autossuficiência é vista como uma tarefa primordial para os jovens adultos que, num contexto económico vulnerável, tende a estar comprometida. De facto, Arnett (1998, 2000) sugere que estes jovens consideram a independência financeira e uma vida independente como características importantes de uma transição bem-sucedida para a vida

adulta. De realçar que Arnett (2014) caracteriza os indivíduos com idades compreendidas entre os 18 e os 29 anos enquanto parte de um período de desenvolvimento intermédio: a idade adulta emergente. Nos países industrializados é preferencialmente nesta fase que os jovens obtêm um nível de educação e formação que lhes possibilita entrar no mundo do trabalho (Arnett, 2000).

Nos EUA, um estudo de Stein et al. (2011), conduzido em contexto de crise económica com famílias com filhos jovens adultos, demonstrou a existência de elevados níveis de sofrimento psicológico (nomeadamente de ansiedade e depressão) entre os jovens adultos universitários. Foi ainda possível concluir que embora os pais e os jovens adultos tenham substancialmente diferentes responsabilidades financeiras, não existiram diferenças significativas nas restrições ou ajustes económicos, decorrentes da crise, equiparando os dois grupos (Stein et al., 2011). Segundo este estudo, os elevados níveis de *stress* psicológico nos jovens adultos relacionavam-se com o facto de os jovens terem sentido as consequências da pressão económica nos seus estilos de vida individuais. Para além disso, a generalidade ou a maioria dos jovens adultos referiam preocupar-se com a necessidade de terem de sacrificar-se para ajudarem os pais, em consequência da crise económica (Stein et al., 2011). Em contraste, as preocupações dos pais prendiam-se mais com o futuro económico dos filhos, as quais se refletiam em variações nas respostas de ansiedade e humor depressivo. Para além disso, os pais demonstraram-se mais confiantes, comparativamente aos jovens adultos, no que diz respeito à saída de casa dos filhos. Ou seja, de acordo com este estudo, os pais consideravam que a presente crise económica não iria resultar no retorno ou na saída tardia dos seus filhos de casa (Stein et al., 2011).

No contexto italiano, Colombo e Rebughini (2015) verificaram que os jovens adultos (entre os 20 e os 30 anos) do sexo masculino e com um nível de escolaridade mais baixo foram aqueles que mais sofreram com o impacto da crise económica que se iniciou entre 2008 e 2009.

## II - Objetivos

O objetivo geral da presente investigação consiste em estudar a relação entre pressão económica e funcionamento familiar em famílias com filhos jovens adultos. Este objetivo geral será concretizado através dos seguintes objetivos específicos:

1. Analisar a influência de dois indicadores de pressão económica – necessidades materiais insatisfeitas e cortes e ajustamentos financeiros – no funcionamento familiar reportado por pais, mães e filhos jovens adultos, atendendo ao nível socioeconómico;
2. Analisar a influência das necessidades materiais insatisfeitas e dos cortes e ajustamentos financeiros em três dimensões do funcionamento familiar – recursos familiares, comunicação na família e dificuldades familiares – nos pais, mães e filhos jovens adultos, atendendo ao nível socioeconómico.

## III - Metodologia

### 3.1. Procedimentos de recolha da amostra

A presente investigação foi realizada no âmbito de um estudo mais vasto sobre a vivência das famílias portuguesas na atualidade. Mais especificamente, pretendia-se recolher informação acerca da integração das tecnologias de informação e comunicação (TIC) na vida familiar, bem como sobre o impacto de pressões económicas associadas à atual crise económica na família. Para tal, uma equipa de investigação da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra (FPCEUC), coordenada pela Professora Doutora Ana Paula Relvas e constituída por quatro alunas do Mestrado Integrado em Psicologia e duas alunas do Programa de Doutoramento Interuniversitário em Psicologia Clínica, definiu o protocolo de investigação e os respetivos procedimentos.

Previamente à recolha da amostra foi realizado um estudo-piloto com o intuito de avaliar a aplicabilidade do protocolo e detetar eventuais erros. Posteriormente, entre dezembro de 2015 e março de 2016, foi recolhida uma amostra de conveniência com recurso ao método bola-de-

neve. Foram convidados para participar no estudo os sujeitos que cumprissem os seguintes critérios de inclusão: 1) pais e mães com pelo menos um filho jovem adulto e 2) filhos com idades compreendidas entre os 18 e 29 anos (Arnett, 2014).

A colaboração dos participantes foi solicitada através de um convite prévio à apresentação do protocolo de investigação, compreendendo um conjunto de informações relativas à duração aproximada do preenchimento, aos objetivos do estudo, ao respeito pela confidencialidade e pelo anonimato, e ao carácter voluntário da colaboração. Em virtude do carácter anónimo e confidencial da informação [American Psychological Association (APA), 2010], o consentimento informado foi solicitado aos participantes através da colocação de uma cruz no espaço concebido para o efeito.

### 3.2. Caracterização da amostra

A amostra é constituída por 105 famílias, perfazendo um total de 263 sujeitos, distribuídos por três subamostras: 76 pais, 95 mães e 92 jovens adultos (cf., Tabela 1). A subamostra dos pais é constituída por sujeitos com idades compreendidas entre os 42 e os 65 anos ( $M = 52.38$ ;  $DP = 4.24$ ). A maioria dos sujeitos encontra-se empregada ( $n = 61$ , 88.4%), possui o 3º ciclo ( $n = 21$ ; 28%) ou o ensino secundário ( $n = 21$ ; 28%), é casada ou vive em união de facto ( $n = 72$ , 98.7%), reside numa área litoral ( $n = 38$ , 60.3%) e é católica ( $n = 71$ ; 95.9%). É ainda de referir que a maioria dos pais pertence a famílias que se inserem no nível socioeconómico (NSE) médio ( $n = 36$ , 47.4%).

A subamostra das mães é constituída por sujeitos com idades compreendidas entre os 34 e os 60 anos ( $M = 49.34$ ;  $DP = 4.80$ ). A maioria das mães encontra-se empregada ( $n = 70$ , 83.3 %), possui o ensino secundário ( $n = 29$ , 31.2 %), é casada ou vive em união de facto ( $n = 80$ , 86.0 %), reside numa área litoral ( $n = 53$ , 63.1 %) e é católica ( $n = 84$ , 93.3%). É ainda de referir que a maioria das mães pertence a famílias que se inserem no NSE médio ( $n = 47$ , 49.5%).

**Tabela 1. Caracterização da amostra**

Variáveis sociodemográficas	Categorias	Pais		Mães		Jovens Adultos		Amostra Total		
		<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>N</i>	%	
		Sexo	Feminino	-	-	95	100.0	70	76.1	165
	Masculino	76	100.0	-	-	22	23.9	98	37.3	
Idade	18 – 23	-	-	-	-	72	78.3	72	27.3	
	24 – 29	-	-	-	-	20	21.6	20	7.6	
	30 – 35	-	-	1	1.1	-	-	1	0.4	
	36 – 41	-	-	3	3.3	-	-	3	1.2	
	42 – 47	9	11.8	28	29.6	-	-	37	14.1	
	48 – 53	42	55.3	42	44.3	-	-	84	32.0	
	54 – 59	20	26.3	20	21.1	-	-	40	15.2	
	60 – 65	5	6.5	1	1.1	-	-	6	2.4	
Estado Civil	Solteiro	-	-	1	1.1	92	100.0	93	36.0	
	Casado/união de facto	72	98.7	80	86.0	-	-	152	57.8	
	Divorciado	1	1.4	9	9.7	-	-	10	3.9	
	Viúvo	-	-	3	3.2	-	-	3	1.2	
Região Portugal	Litoral	38	60.3	53	63.1	52	67.5	143	63.8	
	Interior	24	38.1	30	35.7	24	31.2	78	34.8	
	Ilhas	1	1.6	1	1.2	1	1.3	3	1.3	
Situação Laboral	Empregado	61	88.4	70	83.3	15	16.3	146	60.3	
	Desempregado	2	2.9	12	14.3	10	11.2	24	9.9	
	Reformado	6	8.7	1	1.2	-	-	7	2.9	
	Estudante	-	-	1	1.2	64	71.9	65	26.9	
Socioeconómico	Baixo	21	27.6	28	29.5	27	29.3	76	28.9	
	Médio	36	47.4	47	49.5	46	50.0	129	49.0	
	Alto	19	25.0	20	21.1	19	20.7	58	22.1	
Habilitações Literárias	Ensino Básico	10	13.3	10	10.8	-	-	20	7.8	
	2º Ciclo	6	8.0	8	8.6	-	-	14	5.4	
	3º Ciclo	21	28.0	18	19.4	1	1.1	40	15.5	
	Ensino Secundário	21	28.0	29	31.2	34	37.8	84	32.6	
	Ensino Superior (Licenciatura/ Mestrado/ Doutoramento)	13	17.0	26	28.0	55	61.1	93	36.1	
	Outro	2	2.2	2	2.2	1	1.1	7	2.7	
	Religião	Ateu	2	2.7	2	2.2	11	12.4	15	5.9
		Agnóstico	1	1.4	2	2.2	12	13.5	15	5.9
Católico		71	95.9	84	93.3	66	74.2	221	87.4	
Outra		-	-	2	2.2	-	-	2	0.8	



A subamostra dos filhos jovens adultos é constituída por sujeitos com idades compreendidas entre os 18 e os 29 anos ( $M = 22.37$ ;  $DP = 2.12$ ), sendo a maioria dos sujeitos do género feminino ( $n = 70$ , 76.1%). A amostra é constituída na sua totalidade por jovens solteiros e maioritariamente constituída por sujeitos que se encontram a estudar ( $n = 64$ , 71.9%), nas áreas de ciência, saúde, ciências sociais e economia, gestão e contabilidade. A maioria possui o ensino superior ( $n = 55$ , 61.1%), reside numa área litoral ( $n = 52$ , 67.5%) e é católica ( $n = 66$ , 74.2%). Finalmente, a maioria dos jovens adultos pertence a famílias que se inserem no NSE médio ( $n = 46$ , 50.0%), sendo que no NSE baixo se inserem 27 sujeitos (29.3%) e no NSE alto 19 sujeitos (20.7%).

### **3.3. Instrumentos**

Para os efeitos deste estudo recorreremos à utilização dos seguintes instrumentos de autorresposta: 1) Questionário de Dados Sociodemográficos e Familiares 2) Questionário de Dificuldades Económicas e 3) *Systematic Clinical Outcome Routine Evaluation* (SCORE-15).

#### **3.3.1. Questionário de Dados Sociodemográficos e Familiares**

Este questionário foi especificamente desenvolvido para esta investigação com o objetivo de caracterizar os sujeitos da amostra, abarcando a recolha de dois tipos de informação: dados sociodemográficos (e.g., sexo, idade, estado civil, nacionalidade, área de residência, habilitações literárias e profissão) e dados familiares (e.g., composição do agregado familiar).

#### **3.3.2. Questionário de Dificuldades Económicas (Conger & Elder, 1994; versão portuguesa em preparação de Francisco & Pedro, 2015)**

É um questionário de autorresposta composto por oito escalas, quatro das quais permitem avaliar a pressão económica, tal como conceptualizada

por Conger e Elder (1994). Neste estudo, foram utilizadas duas destas subescalas para avaliação de dois indicadores de pressão económica: necessidades materiais insatisfeitas e cortes e ajustamentos financeiros. O indicador necessidades materiais insatisfeitas é avaliado através de um conjunto de sete itens (e.g. "*temos dinheiro suficiente para ter uma casa adequada à nossa família*"), a partir de uma escala de Likert com cinco níveis de resposta desde 1 (*Discordo Totalmente*) a 5 (*Concordo Totalmente*), pelo que pontuações mais altas indicam menos necessidades materiais insatisfeitas. O segundo indicador é avaliado através de um conjunto de vinte e oito itens relativamente a cortes e ajustamentos nas despesas que a família teve necessidade de fazer durante o último ano devido às dificuldades financeiras [e.g. "*reduzi despesas com vestuário e calçado*", "*cortei em despesas com atividades sociais e de entretenimento (por exemplo, cortar a TV cabo, desistir do ginásio, deixar de ir ao cinema)*"].

No presente estudo, a pressão económica foi avaliada tendo em conta apenas dois indicadores – necessidades materiais insatisfeitas e cortes e ajustamentos financeiros –, atendendo aos valores de consistência interna obtidos: as necessidades materiais insatisfeitas revelaram uma consistência interna muito boa na subamostra dos pais ( $\alpha = .935$ ), das mães ( $\alpha = .934$ ) e dos jovens adultos ( $\alpha = .948$ ); e os cortes e ajustamentos financeiros evidenciaram uma consistência interna boa na subamostra dos pais ( $\alpha = .880$ ), das mães ( $\alpha = .853$ ) e dos jovens adultos ( $\alpha = .808$ ) (Pestana, & Gageiro, 2008). Não foi utilizado como indicador de pressão económica a incapacidade para pagar contas/fazer face às despesas, dada a fraca consistência interna obtida ( $\alpha = .655$  nos pais;  $\alpha = .581$  nas mães;  $\alpha = .538$  nos jovens adultos) (Pestana & Gageiro, 2008).

### **3.3.3. Systematic Clinical Outcome Routine Evaluation (SCORE-15; Stratton, Bland, Janes & Lask, 2010; versão portuguesa de Vilaça, Silva, & Relvas, 2014)**

O SCORE-15 permite avaliar o funcionamento familiar, em contexto clínico e não clínico, e caracteriza-se por ser um questionário de autorresposta, acessível e de rápida aplicação. Contém um total de quinze itens que se distribuem por três dimensões, cada uma com cinco itens. As

três dimensões dizem respeito: (1) aos Recursos Familiares - refere-se aos recursos e à capacidade de adaptação da família (e.g., “*na minha família, falamos uns com os outros sobre coisas que têm interesse para nós*”); (2) à Comunicação na Família - avalia a comunicação no sistema familiar (e.g., “*na minha família muitas vezes não se diz a verdade uns aos outros*”); e (3) às Dificuldades Familiares - remete para a sobrecarga das dificuldades no sistema familiar (e.g., “*sentimos que é difícil enfrentar os problemas do dia-a-dia*”). Os itens são cotados numa escala de *Likert* com cinco níveis de resposta, desde 1 (*Descreve-nos: Muito bem*) a 5 (*Descreve-nos: Muito mal*). Em termos de interpretação, pontuações mais elevadas correspondem a um pior funcionamento familiar (Vilaça et al., 2014).

Nos estudos de adaptação do SCORE-15 para o contexto português (Vilaça, Silva, & Relvas, 2014), a escala total apresentou uma boa consistência interna ( $\alpha = .84$ ), tal como cada uma das suas dimensões: recursos familiares ( $\alpha = .85$ ), comunicação na família ( $\alpha = .83$ ) e dificuldades familiares ( $\alpha = .82$ ).

No presente estudo obteve-se no grupo dos pais uma consistência interna boa, quer no funcionamento familiar, quer nas dimensões ( $.803 \leq \alpha \leq .889$ ); no grupo das mães uma consistência interna razoável na comunicação na família ( $\alpha = .788$ ) e uma consistência interna boa ( $.805 \leq \alpha \leq .865$ ) no funcionamento familiar e nas restantes dimensões; e no grupo dos filhos jovens adultos uma consistência interna muito boa ( $\alpha = .908$ ) na escala total, razoável ( $\alpha = .742$ ) na comunicação na família e boa ( $.800 \leq \alpha \leq .880$ ) nas restantes dimensões, considerando os valores propostos por Pestana e Gageiro (2008).

### 3.4. Análise de dados

A análise estatística dos dados recolhidos realizou-se com recurso ao *software Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS - versão 22). De seguida, serão apresentados alguns dos procedimentos que se revelaram necessários para a realização deste trabalho.

Primeiramente, criaram-se duas variáveis por forma a definir o nível socioeconómico dos participantes, bem como a região do País em que residiam, de acordo com as concetualizações de Simões (2000). Para definir

o nível socioeconómico foram consideradas as habilitações literárias e a profissão dos sujeitos. Esta variável foi definida por família, ou seja, foi considerado como referência o nível socioeconómico mais elevado de entre os elementos de agregado familiar. Relativamente à região do País, foi tida em conta a zona de residência referida pelos sujeitos no questionário sociodemográfico que, posteriormente, foi associada a uma das três zonas geográficas de referência: litoral, interior ou ilhas.

Posteriormente, foi possível verificar a presença de *missings* os quais ocorrem, maioritariamente, devido a fatores não controláveis pelo investigador (e.g., lapso dos sujeitos em responder a uma questão), sendo por isso considerados aleatórios (Meyers, Gamst, & Guarino, 2013). Desta forma, procedemos à imputação dos valores através do *software* SPSS, tendo em consideração que sendo estes inferiores a 20%, não seriam suscetíveis de enviesarem os dados (Pestana & Gageiro, 2008).

Relativamente à utilização do SCORE-15, procedemos à inversão dos itens negativos necessários ao seu bom funcionamento.

Seguidamente, foram realizadas análises descritivas por forma a caracterizar a amostra e os resultados obtidos em cada um dos instrumentos aplicados.

Com o intuito de cumprir os objetivos anteriormente apresentados, foram realizadas análises de regressão linear múltipla para averiguar o efeito dos indicadores de pressão económica - necessidades materiais insatisfeitas e cortes e ajustamentos financeiros – no funcionamento familiar global, e nas suas três dimensões, controlando a influência do NSE, nos grupos pais, mães e filhos jovens adultos. Para tal, e tendo em conta que a variável NSE é categórica e tem três níveis, foi necessário proceder à criação de duas variáveis auxiliares ou *dummies* para efetuar a regressão linear múltipla, tomando como valor de referência o NSE baixo. Para assegurar as condições de aplicabilidade da regressão linear múltipla, foram averiguados (para todas as regressões efetuadas) os seguintes pressupostos: (1) a normalidade dos resíduos com recurso ao teste *Kolmogorov-Smirnov*, para o qual se obteve valores de  $p$  (exato)  $> .05$ ; (2) a independência dos resíduos com recurso ao teste de *Durbin-Watson* tendo se verificado valores próximos de 2; (3) a multicolinearidade, verificando-se que os valores da tolerância foram suficientemente afastados de 0 e os da VIF inferiores a 5.

## IV - Resultados

### 4.1. Indicadores de pressão económica e funcionamento familiar (score global)

#### a) Pais

Foi possível verificar que 23.8% da variação do funcionamento familiar é explicada pelo modelo que inclui como variáveis as necessidades materiais insatisfeitas, os cortes e ajustamentos financeiros e o NSE ( $R^2$  ajustado = .238). Os resultados mostraram a adequabilidade do modelo de regressão,  $F(4,71) = 6.868$ ,  $p < .001$ . Como se verifica na Tabela 2, o número de cortes e ajustamentos financeiros e as necessidades materiais insatisfeitas explicam significativamente o funcionamento familiar, revelando-se as necessidades materiais insatisfeitas o melhor preditor ( $\beta = -.501$ ,  $p < .001$ ) do modelo. Verifica-se ainda que, quando controladas as outras variáveis do modelo, os valores do funcionamento familiar decrescem .255 pontos quando passamos do NSE baixo para o médio.

#### b) Mães

Foi possível verificar que 6.8% da variação do funcionamento familiar é explicada pelo modelo que inclui como variáveis as necessidades materiais insatisfeitas, os cortes e ajustamentos financeiros e o NSE ( $R^2$  ajustado = .068). Os resultados mostraram a adequabilidade do modelo de regressão,  $F(4,89) = 2.719$ ,  $p = .035$ , embora nenhuma das variáveis se mostre um preditor significativo.

#### c) Filhos jovens adultos

Foi possível verificar que 17.4% da variação do funcionamento familiar é explicada pelo modelo que inclui como variáveis as necessidades materiais insatisfeitas, os cortes e ajustamentos financeiros e o NSE ( $R^2$  ajustado = .174). Os resultados mostraram a adequabilidade do modelo de regressão,  $F(4,86) = 5.736$ ,  $p < .001$ . Como apresentado na Tabela 2, o nível de necessidades básicas insatisfeitas ( $\beta = -.219$ ,  $p = .046$ ) é o único preditor significativo do funcionamento familiar. Verifica-se que, quando controladas

as outras variáveis, os valores obtidos no SCORE-15 decrescem .319 pontos quando passamos do NSE baixo para o alto.

**Tabela 2. Variáveis preditoras do funcionamento familiar (score global)**

Subamostra	Variáveis explicativas	B	t	p
Pais	Constante		10.497	.000
	Cortes e ajustamentos financeiros	-.300	-2.410	.019*
	Necessidades materiais insatisfeitas	-.501	-3.780	.000**
	NSE (médio)	-.255	-2.069	.042*
	NSE (alto)	-.231	-1.767	.081
Mãe	Constante		9.109	.000
	Cortes e ajustamentos financeiros	-.016	-.141	.888
	Necessidades materiais insatisfeitas	-.221	-1.805	.074
	NSE (médio)	-.069	-.583	.562
	NSE (alto)	-.214	-1.722	.089
Filhos Jovens adultos	Constante		8.474	.000
	Cortes e ajustamentos financeiros	.105	1.028	.307
	Necessidades materiais insatisfeitas	-.219	-2.029	.046*
	NSE (médio)	-.157	-1.349	.181
	NSE (alto)	-.319	-2.590	.011*

\* $p < .05$  \*\* $p < .001$

## 4.2. Indicadores de pressão económica e dimensões do funcionamento familiar

### 4.2.1. Recursos familiares

#### a) Pais

O modelo testado no grupo dos pais não se revelou adequado,  $F(4,71) = 2.350$ ,  $p = .062$ .

#### b) Mães

Foi possível verificar que 6.3% da variação dos recursos familiares é explicada pelo modelo que inclui como variáveis as necessidades materiais insatisfeitas, os cortes e ajustamentos financeiros e o NSE ( $R^2$  ajustado = .063). Os resultados mostraram a adequabilidade do modelo de regressão,  $F(4,89) = 2.573$ ,  $p = .043$ . Como é possível verificar na Tabela 3, o nível de

necessidades materiais insatisfeitas é o único predito significativo dos recursos familiares ( $\beta = -.300, p = .017$ ).

### c) Filhos jovens adultos

Foi possível verificar que 13.7% da variação dos recursos familiares é explicada pelo modelo que inclui como variáveis as necessidades materiais insatisfeitas, os cortes e ajustamentos financeiros e o NSE ( $R^2$  ajustado = .137). Os resultados mostraram a adequabilidade do modelo de regressão,  $F(4,86) = 4.567, p < .002$ . Como é possível verificar na Tabela 3, o nível de necessidades materiais insatisfeitas é o único predito significativo dos recursos familiares ( $\beta = -.294, p = .009$ ).

**Tabela 3. Variáveis predictoras dos recursos familiares**

Subamostra	Variáveis explicativas	B	t	p
Mãe	Constante		9.008	.000
	Cortes e ajustamentos financeiros	-.135	-1.161	.249
	Necessidades materiais insatisfeitas	-.300	-2.441	.017*
	NSE (médio)	-.090	-.756	.452
	NSE (alto)	-.138	-1.107	.271
Filhos Jovens adultos	Constante		7.776	.000
	Cortes e ajustamentos financeiros	.058	.552	.582
	Necessidades materiais insatisfeitas	-.294	-2.660	.009*
	NSE (médio)	-.034	-.287	.775
	NSE (alto)	-.197	-1.564	.121

\* $p < .05$

### 4.2.2. Comunicação na família

Relativamente a esta dimensão, dos modelos testados apenas o referente aos pais se revelou adequado,  $F(4,71) = 2.710, p = .037$ . Foi possível verificar que 8.4% da variação da comunicação na família é explicada pelo modelo que inclui como variáveis as necessidades materiais insatisfeitas, os cortes e ajustamentos financeiros e o NSE ( $R^2$  ajustado = .084). Como é possível verificar na Tabela 4, o nível de necessidades materiais insatisfeitas é o único preditor significativo da comunicação na família ( $\beta = -.302, p = .041$ ).

**Tabela 4. Variáveis preditoras da comunicação familiar**

Subamostra	Variáveis explicativas	B	t	p
	Constante		7.195	.000
Pais	Cortes e ajustamentos financeiros	-.204	-1.498	.139
	Necessidades materiais insatisfeitas	-.302	-2.081	.041*
	NSE (médio)	-.200	-1.483	.143
	NSE (alto)	-.209	-1.457	.150

\* $p < .05$ 

### 4.2.3. Dificuldades familiares

#### a) Pais

Foi possível verificar que 28.3% da variação das dificuldades familiares é explicada pelo modelo que inclui como variáveis as necessidades materiais insatisfeitas, os cortes e ajustamentos financeiros e o NSE ( $R^2$  ajustado = .283). Os resultados mostraram a adequabilidade do modelo de regressão,  $F(4,71) = 8.394$ ,  $p < .001$ . Como é possível verificar na Tabela 5, o número de cortes e ajustamentos financeiros e as necessidades materiais insatisfeitas explicam significativamente o funcionamento familiar, revelando-se as necessidades materiais insatisfeitas o melhor preditor ( $\beta = -.556$ ,  $p < .001$ ) do modelo.

#### b) Mães

Foi possível verificar que 6.5% da variação das dificuldades familiares é explicada pelo modelo que inclui como variáveis as necessidades materiais insatisfeitas, os cortes e ajustamentos financeiros e o NSE ( $R^2$  ajustado = .065). Os resultados mostraram a adequabilidade do modelo de regressão,  $F(4,89) = 2.617$ ,  $p = .040$ , embora nenhuma das variáveis se mostre um preditor significativo.

#### c) Filhos jovens adultos

Foi possível verificar que 19.7% da variação das dificuldades familiares é explicada pelo modelo que inclui como variáveis as necessidades materiais insatisfeitas, os cortes e ajustamentos financeiros e o NSE ( $R^2$  ajustado = .197). Os resultados mostraram a adequabilidade do



modelo de regressão,  $F(4,86) = 6.523$ ,  $p < .001$ . Como é possível verificar na Tabela 5, quando controladas as outras variáveis, os valores obtidos no SCORE-15 decrescem .226 pontos quando passamos do NSE baixo para o médio e .345 pontos quando passamos do NSE baixo para o alto.

**Tabela 5. Variáveis preditoras das dificuldades familiares**

Subamostra	Variáveis explicativas	B	t	p
Pais	Constante		9.326	.000
	Cortes e ajustamentos financeiros	-.292	-2.423	.018*
	Necessidades materiais insatisfeitas	-.556	-4.325	.000**
	NSE (médio)	-.221	-1.848	.069
	NSE (alto)	-.235	-1.846	.069
Mãe	Constante		7.071	.000
	Cortes e ajustamentos financeiros	.006	.050	.960
	Necessidades materiais insatisfeitas	-.201	-1.637	.105
	NSE (médio)	-.071	-.599	.551
	NSE (alto)	-.218	-1.752	.083
Jovens adultos	Constante		7.827	.000
	Cortes e ajustamentos financeiros	.122	1.214	.228
	Necessidades materiais insatisfeitas	-.209	-1.957	.054
	NSE (médio)	-.226	-1.969	.052
	NSE (alto)	-.345	-2.848	.005*

\* $p < .05$  \*\* $p < .001$

## V - Discussão

O presente trabalho de investigação teve como objetivo principal analisar a relação entre dois indicadores de pressão económica (necessidades materiais insatisfeitas e cortes e ajustamentos financeiros) e o funcionamento familiar em famílias com filhos jovens adultos. As investigações sobre a influência da pressão económica na vida das famílias têm-se centrado, essencialmente, em famílias com filhos adolescentes, na parentalidade e conjugalidade (e.g., K. J. Conger, Rueter, & Conger, 2000; R. D. Conger et al., 2010; R. D. Conger, & Elder, 1994; Leinonen et al., 2003; Ponnet et al., 2013; Whitbeck et al., 1991), descurando o estudo de famílias noutras etapas do ciclo vital e de variáveis familiares em que o sistema familiar é visto

como um todo, como é o caso do funcionamento familiar. Deste modo, o presente estudo visa aprofundar o conhecimento acerca do funcionamento familiar numa etapa do ciclo vital mais avançada, em contexto de crise económica. Alguns autores (e.g., Stein et al., 2011) têm sugerido que as famílias com filhos jovens adultos podem ser afetadas pela crise económica de uma forma particular, uma vez que tarefas como a facilitação da saída de casa dos filhos e a consequente autossuficiência financeira expectável nesta etapa podem estar comprometidas. Tendo em consideração uma perspetiva que atenda ao desenvolvimento da família, existem ainda outros autores (e.g., Kwon et al., 2003) que referem que, comparativamente a famílias com filhos pequenos, famílias com filhos mais velhos, muitas vezes, precisam de mais dinheiro para a educação dos filhos, o que pode tornar as famílias mais vulneráveis a situações de crise económica.

Face aos resultados encontrados, podemos concluir que a perceção dos pais, mães e filhos jovens adultos acerca da pressão económica tem repercussões sobretudo negativas no funcionamento familiar.

De uma forma global, o indicador necessidades materiais insatisfeitas (e.g., *ter dinheiro suficiente para ter uma casa adequada à família, ter dinheiro suficiente para comprar a comida necessária, ter dinheiro suficiente para os cuidados de saúde necessários*) revelou ser o mais presente na explicação do impacto da pressão económica no funcionamento familiar e nas suas dimensões (recursos familiares, comunicação na família e dificuldades familiares), sugerindo que mais necessidades materiais insatisfeitas levam a um pior funcionamento familiar. As necessidades materiais insatisfeitas referem-se possivelmente a áreas de maior preocupação para a família no seu todo, uma vez que os filhos ao estarem financeiramente dependentes dos seus progenitores, ainda que não participem na gestão dos rendimentos, são também levados a sentir repercussões no seu estilo de vida individual, tal como é sugerido por Stein et al. (2011).

O indicador de cortes e ajustamentos financeiros (e.g., *usar poupanças para pagar despesas do dia-a-dia, ter de vender bens materiais, mudar de casa para poupar dinheiro*) apenas demonstrou ter influência no grupo dos pais quer no *score* global, quer nas dificuldades familiares. De acordo com os resultados, quanto mais cortes forem realizados melhor o

funcionamento familiar e menores as dificuldades familiares reportadas pelos pais. O facto de este indicador apenas se ter revelado influente no grupo dos pais poderá sugerir que são estes que estão atentos às questões económicas e gerem o dinheiro das famílias, mantendo o papel de sustento da família já mencionado em diversos estudos e culturas (e.g., Aytaç & Rankin, 2009; Ponnet et al., 2014; Kwon et al., 2003). Para além disso, poderá sugerir que os cortes e ajustamentos financeiros se reportam a um comportamento de *coping* que se traduz em *outcomes* mais positivos, no sentido de fazer face às dificuldades da família. De realçar ainda que, este indicador diz respeito a cortes ou ajustamentos executados por decisão das famílias e não impostos por forças externas a estas. Logo, este facto transmite um movimento autónomo das famílias no sentido de superar as dificuldades encontradas, podendo resultar numa melhoria do funcionamento familiar, tal como os resultados demonstram. Estes resultados, ao sugerirem uma capacidade de ajustamento do sistema familiar, vão de certo modo ao encontro dos estudos de Olson (2000, 2011) que indicam que níveis mais extremos de flexibilidade (i.e. à capacidade de estabilidade e mudança do sistema) podem ser apropriados em determinadas fases do ciclo vital ou quando as famílias estão sob situações de *stress*.

Relativamente às dificuldades familiares (e.g., “*na minha família parece que surgem crises umas atrás das outras*”), esta dimensão apenas apresentou resultados significativos no grupo dos pais, verificando-se um padrão duplamente interessante. Por um lado, encontrámos resultados que apontam para os efeitos negativos das necessidades materiais insatisfeitas ao nível desta dimensão do funcionamento familiar. Ou seja, maiores necessidades materiais insatisfeitas relacionam-se com maiores dificuldades familiares. Por outro lado, verificou-se uma influência positiva dos cortes e ajustamentos financeiros nas dificuldades familiares. Designadamente, maiores cortes e ajustamentos financeiros realizados relacionam-se com menores dificuldades, tal como já fora anteriormente citado. De notar ainda que esta foi a única dimensão do funcionamento familiar em que os cortes e ajustamentos financeiros parecem ter um impacto. Estes resultados podem, mais uma vez, apontar para o possível envolvimento dos pais nas questões económicas da família. O facto de esta dimensão remeter para os problemas do sistema familiar poderá justificar a influência negativa que as

necessidades materiais insatisfeitas parecem ter nesta área do funcionamento familiar.

No que concerne aos recursos familiares e à capacidade de adaptação da família (e.g., *“todos nós somos ouvidos na nossa família”*), verificaram-se efeitos negativos das necessidades materiais insatisfeitas nos recursos familiares percebidos pelas mães e pelos filhos jovens adultos. Ou seja, maiores necessidades materiais insatisfeitas relacionam-se com uma menor percepção de recursos familiares, no grupo das mães e dos filhos. Tal como tem vindo a ser evidenciado pela literatura, as mulheres têm demonstrado uma suscetibilidade em situações de crise económica, muito pelo facto de se envolverem, mais do que os homens, nas relações familiares (e.g., Aytac & Rankin, 2009; Kwon et al., 2003). Dado que as interações familiares podem ser compreendidas enquanto um recurso familiar (i.e. um auxílio para lidar com as dificuldades), estes resultados podem indicar uma dificuldade em cuidar das relações familiares devido às necessidades materiais que se fazem sentir.

No que respeita à comunicação na família (e.g., *“na minha família, quando as pessoas se zangam, ignoram-se intencionalmente”*), apenas no grupo dos pais o modelo se revelou adequado, indicando a existência de uma influência negativa das necessidades materiais insatisfeitas nesta dimensão do funcionamento familiar. Tais resultados parecem ir ao encontro de estudos (e.g., Aytac & Rankin, 200; Kwon et al., 2003) que indicam que os pais (ou maridos) devem governar fora da família, não estão permitidos a expressar emoções no seio da família, são menos ativos nas interações familiares, passam menos tempo com as famílias e que têm uma elevada carga de trabalho. Ou seja, no grupo dos pais as complicações na comunicação familiar parecem ser especialmente vulneráveis às necessidades materiais insatisfeitas.

Relativamente ao NSE, os resultados evidenciaram que existe uma melhoria do funcionamento familiar no grupo dos pais e dos filhos jovens adultos e uma diminuição das dificuldades familiares compreendida pelos jovens adultos, à medida que esta categoria aumenta. No que concerne ao grupo dos pais este é um resultado que pode ser considerado expectável, pelo facto de os sujeitos de NSE mais elevados apresentarem naturalmente menores dificuldades financeiras e de provavelmente disporem de mais

recursos monetários para fazer face às dificuldades. Por sua vez, os resultados respeitantes aos jovens adultos podem revelar um sentimento de proteção financeira quando beneficiam de um nível socioeconómico mais elevado (comparativamente ao nível socioeconómico baixo). Tal pode dever-se ao facto de a sua independência económica poder ser progressivamente adiada (e.g., devido à continuação dos estudos ou às dificuldades em ingressar no mercado de trabalho) (Alarcão, 2006), enquanto que em famílias com mais dificuldades financeiras os jovens adultos podem preocupar-se mais e reconhecerem a necessidade de terem de se sacrificar para ajudar os pais em consequência da crise económica, tal como referido no estudo de Stein et al. (2011). Estes resultados são ainda concordantes com o estudo de Gerogiades et al. (2008) que expõe o nível socioeconómico baixo como fator de *stress* para o funcionamento familiar.

Diversas alterações económicas têm tido lugar no passado, chegando a ser percebidas enquanto fenómeno social com implicações na vida dos sujeitos (Colombo & Rebughini, 2015). Ao nível das famílias tem sido demonstrado que a pressão económica perspectivada pelos indivíduos, em consequência dos contextos de crise económica, tem influência nos mais diversos campos familiares (e.g., R. D. Conger et al., 2010; Leinonen, Solantaus, & Punamäki, 2003; Ponnet et al., 2013). Adicionalmente, as famílias com filhos jovens adultos estão particularmente sensíveis a alterações do contexto dada a sua abertura ao exterior, por forma a facilitar a saída dos filhos (McCullough & Rutenberg, 2007). Para além disso, a aproximação da reforma dos progenitores e a possível ingressão dos filhos em instituições de ensino superior, poderá levar as famílias a reavaliarem o seu campo económico e a repensar o seu futuro face a um contexto de crise económica. Em suma, as famílias com filhos jovens adultos poderão demonstrar-se particularmente afetadas pelo contexto de crise económica.

### **Limitações e Estudos Futuros**

Os resultados obtidos devem ser interpretados à luz das limitações do estudo. Em primeiro lugar, parece-nos importante fazer uma ressalva relativamente às características da amostra. Assim, diz respeito a uma amostra de conveniência e maioritariamente constituída por mulheres, por

sujeitos empregados e com um nível de escolaridade elevado (ensino secundário ou superior). Estes fatores implicam que não exista uma aleatoriedade da amostra e que esta possa não se traduzir numa amostra representativa da população geral. Uma outra limitação diz respeito às dificuldades encontradas em recolher a amostra pelo facto de se pretender recolher o maior número de membros (i.e. pais, mães e filhos) de cada família nuclear. Sendo que os pais se demonstraram, de um modo geral, os menos participativos no estudo.

Para além disso, teve de se proceder à exclusão de um dos indicadores de pressão económica devido à sua baixa consistência interna na presente amostra. Desta forma, a utilização deste instrumento em estudos futuros implica uma atenção redobrada, no sentido de melhorar a sua fiabilidade.

De futuro poderia ser importante recolher uma amostra mais heterogénea na qual estejam equitativamente representadas diferentes características dos sujeitos (e.g., área de residência, situação profissional, habilitações literárias) e novas formas de família (e.g., famílias homossexuais, monoparentais e reconstituídas). Poderia, ainda, ser interessante incluir na análise variáveis como o tipo de família e a zona de residência com o intuito de estudar a existência de possíveis diferenças.

Para além disso, poderá ser útil, em próximas investigações, aprofundar o estudo acerca da influência do nível socioeconómico na resiliência das famílias em contextos de crise económica.

De forma complementar, realça-se a importância de no futuro se fazer uma análise considerando a perceção da família como um todo, quer quanto à pressão económica, quer quanto ao seu funcionamento familiar. Para tal, poderia ser útil realizar estudos que tenham como base a análise multinível.

## **VI - Conclusões**

As crises económicas, pelo facto de comportarem situações de imprevisibilidade para a vida da sociedade, podem comprometer o funcionamento familiar. Sabe-se, também, que o funcionamento familiar está dependente do contexto envolvente e dos desafios, externos e internos, a

que um sistema familiar está exposto. O facto de as famílias com filhos jovens adultos se depararem com tarefas que as expõem ao contexto exterior (e.g., saída dos filhos) pode tornar o seu funcionamento familiar mais vulnerável em situações de *stress*.

Assim, dado o período de crise que o país atravessa, a presente investigação pretendeu colmatar a escassez de estudos que englobam variáveis em que o sistema familiar é percebido como um todo e compreender de que forma famílias com filhos jovens adultos reagem a períodos de crise económica. De um modo geral, os resultados obtidos permitem concluir que a pressão económica reportada num período de crise económica está associada a alterações no funcionamento familiar. Mais especificamente, as necessidades materiais insatisfeitas foram o indicador mais presente nos resultados, existindo uma influência negativa reportada pelos pais (no *score* total, na comunicação familiar e nas dificuldades), pelas mães (nos recursos familiares) e pelos filhos jovens adultos (no *score* total e nos recursos familiares). Já no caso dos cortes e ajustamentos financeiros estes apenas se demonstraram influentes no grupo dos pais, demonstrando uma influência positiva (no *score* total e nas dificuldades familiares).

Contudo, é fundamental continuar a estudar a perceção das famílias perante uma conjuntura social e económica tão delicada e explorar a influência da pressão económica no funcionamento familiar nas mais diversas fases do ciclo vital. Deste modo, deverá ser tido em consideração que a cada etapa correspondem desafios distintos, o que poderá levar a diferentes formas de lidar com a pressão económica. Tais investigações ao permitirem o conhecimento acerca das famílias poderão ajudar numa possível criação de condições futuras para amenizar o impacto de tais circunstâncias no seu dia-a-dia e no seu desenvolvimento.

### Bibliografia

- Alarcão, M. (2006). Stress e crise familiar. In M. Alarcão, *(Des)Equilíbrios Familiares - Uma Visão Sistémica* (pp. 93-106). Coimbra: Quarteto.
- American Psychological Association. (2010). *Publication Manual of the American Psychological Association* (6<sup>a</sup> ed.). Washington, DC: American Psychological Association.
- Arnett, J. J. (1998). Learning to stand alone: The contemporary american transition to adulthood in cultural and historical context. *Human Development, 41*, 295-315. doi:10.1159/000022591
- Arnett, J. J. (2000). Emerging adulthood: A theory of development from the late teens through the twenties. *American Psychologist, 55*(5), 469-480. doi:10.1037//0003-066X.55.5.469
- Arnett, J. J., Žukauskiene, R., & Sugimura, K. (2014). The new life stage of emerging adulthood at ages 18-29 years: Implications for mental health. *The Lancet Psychiatry, 1*(7), 569–576. doi:10.1016/S2215-0366(14)00080-7
- Associação para o Desenvolvimento Económico e Social [SEDES] (2012). O impacto da crise no bem-estar dos portugueses. Retirado de <http://www.sedes.pt/documentacao.aspx?args=2,8&tipo=artigos&ID=61>
- Aytaç, I. A., & Rankin, B. H. (2009). Economic crisis and marital problems in turkey: Testing the family stress model. *Journal of Marriage and Family, 71*(3), 756-767. doi:10.1111/j.1741-3737.2009.00631.x
- Botey, A. P., & Kulig, J. C. (2013). Family functioning following wildfires: Recovering from the 2011 slave lake fires. *Journal of Child and*



- Family Studies*, 23(8), 1471-1483. doi:10.1007/s10826-013-9802-6
- Broman, C. L., Hamilton, V. L., & Hoffman, W. S. (1990). Unemployment and its effects on families: Evidence from a plant closing study. *American Journal of Community Psychology*, 18(5), 643-659. doi:10.1007/bf00931235
- Colombo, E., & Rebughini, P. (2015). Italian young people coping with the consequences of economic crisis: An intersectional analysis. *Oñati Socio-Legal Series*, 5(4), 1031-1049.
- Conger, K. J., Rueter, M. A., & Conger, R. D. (2000). The role of economic pressure in the lives of parents and their adolescents: The family stress model. In L. J. Crockett, & R. N. Silbereisen. *Negotiating Adolescence in Times of Social Change* (pp. 201-223). New York: Cambridge University Press.
- Conger, R. D., Conger, K. J., & Martin, M. J. (2010). Socioeconomic status, family processes, and individual development. *National Institutes of Health*, 72(3), 685-704. doi:10.1111/j.1741-3737.2010.00725.x
- Conger, R. D., & Donnellan, M. B. (2007). An interactionist perspective on the socioeconomic context of human development. *Annual Review of Psychology*, 58(1), 175-199. doi:10.1146/annurev.psych.58.110405.085551
- Conger, R. D., & Elder, G. H. (1994). A theoretical perspective on family stress. In R. D. Conger, & G. H. Elder, *Families in troubled times: Adapting to change in rural America* (pp. 6-14). New York: Aldine De Gruyter. Obtido em 16 de 02 de 2016, de <https://books.google.pt/books?id=NbXQqmsBNC4C&printsec=frontcover&dq=Families+in+troubled+times:+Adapting+to+change+in+r>

ural+America&hl=pt-

PT&sa=X&redir\_esc=y#v=onepage&q=stress%20family%20model  
&f=false

- Elder, G. H., & Caspi, A. (1998). Economic stress in lives: Developmental perspectives. *Journal of Social Issues*, 44(4), 25-45. doi:10.1111/j.1540-4560.1988.tb02090.x
- Fazenda, M. I. (2005). Mudança em terapia familiar. In D. S. Gameiro, *Terapia Familiar* (3ª ed., pp. 81-97). Porto: Edições Afrontamento.
- Ferreira, S. I., Pedro, M. F., & Francisco, R. (2015). “Entre marido e mulher, a crise mete a colher”: A relação entre pressão económica, conflito e satisfação conjugal. *Psicologia*, 29(1), 11-22. doi:10.17575/rpsicol.v29i1.985
- Fonseca, G., Cunha, D., Crespo C., & Relvas A. (*in press*). Families in the context of macroeconomic crises: A systematic review. *Journal of Family Psychology*.
- Francisco, R., & Pedro, M. F. (2015). Questionário de Dificuldades Económicas. Manuscrito submetido para publicação.
- Georgiades, K., Boyle, M. H., Jenkins, J. M., Sanford, M., & Lipman, E. (2008). A multilevel analysis of whole family functioning using the McMaster Family Assessment Device. *Journal of Family Psychology*, 22(3), 344-354. doi:10.1037/0893-3200.22.3.344
- Gomes, H. M., & Pereira, M. G. (2014). Funcionamento familiar e delinquência juvenil: A mediação do autocontrolo. *Análise Psicológica*, 4(32), 439-451. doi:10.14417/ap.958
- Instituto Nacional de Estatística [INE]. (15 de 04 de 2016). Instituto Nacional de Estatística - Statistics Portugal. Obtido de Instituto

Nacional de Estatística - Statistics Portugal:  
[https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine\\_destaques  
 &DESTAQUESdest\\_boui=247198330&DESTAQUESmodo=2](https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaques&DESTAQUESdest_boui=247198330&DESTAQUESmodo=2)

- Keitner, G. I., Heru, A. M., & Glick, I. D. (2010). *Clinical Manual of Couples and Family Therapy*. Washington, DC: American Psychiatric Pub.
- Kwon, H., Rueter, M. A., Lee, M.-S., Koh, S., & Ok, S. W. (2003). Marital relationships following the Korean economic crisis: Applying the family stress model. *Journal of Marriage and Family*, 65(2), 316-325. doi:10.1111/j.1741-3737.2003.00316.x
- Lanigan, J. (2009). A sociotechnological model for family research and intervention: How information and communication technologies affect family life. *Marriage & Family Review*, 45(6-8), 587-609. doi:10.1080/01494920903224194
- Leinonen, J. A., Solantaus, T. S., & Punamäki, R.-L. (2003). Social support and the quality of parenting under economic pressure and workload in Finland: The role of family structure and parental gender. *Journal of Family Psychology*, 17(3), 409-418. doi:10.1037/0893-3200.17.3.409
- Liker, J. K., & Elder, G. H. (1983). Economic hardship and marital relations in the 1930s. *American Sociological Review*, 48(3), 343-359. doi:10.2307/2095227
- Lourtie, P. (2011). Portugal no contexto da crise do euro. *Relações Internacionais*, (32), 61-105.
- McCubbin, H. I., & Patterson, J. M. (1983). The family stress process: The double ABCX model of adjustment and adaptation. In H. I.

- McCubbin, M. M. Sussman, & J. M. Patterson (Eds.), *Social stress and the family: Advances and developments in family stress theory and research* (pp. 7–37). New York: Guilford.
- McCullough, P. G., & Rutenberg, S. K. (2007). Lançando os filhos e seguindo em frente: Uma estrutura para a terapia familiar. In B. Carter, & M. McGoldrick, *As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar* (2ª ed., pp. 248-267). Porto Alegre: Artmed Editora.
- Meyers, L. S., Gamst, G., & Guarino, A. J. (2013). The Basics of Multivariate Design: Data Screening. In L. S. Meyers, G. Gamst, & A. J. Guarino, *Applied Multivariate Research* (pp. 44-57). California: SAGE Publications.
- Olson, D. (2011). FACES IV and the circumplex model: Validation study. *Journal of Marital and Family Therapy*, 37(1), 64-80. doi: 10.1111/j.1752-0606.2009.00175.x
- Olson, D. H. (2000). Circumplex model of marital and family systems. *Journal of Family Therapy*, 22, 144-167.
- Olson, D. H., & Gorall, D. M. (2003). Circumplex model of marital and family systems. In F. Walsh, *Normal Family Processes: Growing Diversity and Complexity* (3ª ed., pp. 514-544). Nova Iorque: The Guilford Press.
- Pestana, M. H. & Gageiro, J. N. (2008). Análise de Dados para Ciências Sociais. *A complementaridade do SPSS* (5ª ed., pp. 527-528). Lisboa: Edições Sílabo.
- Ponnet, K., Wouters, E., Goedemé, T., & Mortelmans, D. (2013). Family financial stress, parenting and problem behavior in adolescents: An actor-partner interdependence approach. *Journal of Family*

*Issues*, 37(4), 574-597. doi:10.1177/0192513x13514409

- Relvas, A. P. (2004). Família com filhos adultos. In A. P. Relvas, *O Ciclo Vital da Família - Perspectiva Sistémica* (pp. 187-229). Porto: Edições Afrontamento.
- Simões, M. M. (2000). *Investigações no Âmbito da Aferição Nacional do Teste das Matrizes Progressivas Coloridas de Raven (M.P.C.R.)*. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Stein, C. H., Abraham, K. M., Boran, E. E., Leith, J. E., Kraus, S. W., Hamill, A. C., . . . Fogo, W. R. (2011). Family ties in tough times: How young adults and their parents view the U.S. Economic Crisis. *Journal of Family Psychology*, 25(3), 449-454. doi:10.1037/a0023697
- Stratton, P., Bland, J., Janes, E., & Lask, J. (2010). Developing an indicator of family function and a practicable outcome measure for systemic family and couple therapy: The SCORE. *Journal of Family Therapy*, 32(3), 232-258. doi:10.1111/j.1467-6427.2010.00507.x
- Stratton, P., Lask, J., Bland, J., Nowotny, E., Evans, C., Singh, R., . . . Peppiatt, A. (2014). Detecting therapeutic improvement early in therapy: Validation of the SCORE-15 index of family functioning and change. *Journal of Family Therapy*, 36(1), 3-19. doi:10.1111/1467-6427.12022
- Vilaça, M., Silva, J. T., & Relvas, A. P. (2014). Systemic clinical outcome routine evaluation (SCORE-15). Em A. P. Relvas, & S. Major, *Avaliação Familiar: Funcionamento e Intervenção* (Vol. I, pp. 23-41). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Whitbeck, L. B., Simons, R. L., Conger, R. D., Lorenz, F. O., Huck, S., &

Elder, G. H. (1991). Family economic hardship, parental support, and adolescent self-esteem. *Social Psychology Quarterly*, 54(4), 353-363. doi:10.2307/2786847